

APRESENTAÇÃO¹

Temos em mãos um livro da maior importância para se compreender as diversas alternativas a fim de se enfrentar a crise do sistema do capital que nos acompanha desde o último terço do século XX. O estudo realizado, exposto no livro, sobre a proposta de construção do socialismo bolivariano na Venezuela é emblemático e revelador, especialmente dada a sua radicalidade, quanto aos desafios, às realizações e aos fracassos de enfrentamento da crise vividos pela esquerda na América Latina.

É-nos mais conhecida a estratégia global do capital – o neoliberalismo –, ao implementar o conjunto de medidas políticas e econômicas reativas à crise de acumulação e expansão do capital e suas danosas consequências sociais, tais como a gritante concentração exponencial da riqueza, a desigualdade extensiva e permanente e o desemprego estrutural irreversível. Trata-se de uma desesperada reação, visando salvar o capitalismo da sequência de taxas decrescentes de lucratividade, que assombra a ordem social dominante desde a eclosão da crise estrutural.

Após mais de trinta anos, vemos escapar ao capital as condições históricas reais e objetivas para revitalizar o capitalismo, como pôde fazer no passado, e para atenuar os efeitos tóxicos de sua incapacidade estrutural de superar as contradições que ele mesmo gerou, e continua a gerar, decorrentes do antagonismo entre capital e trabalho. Exposto pela fratura entre produção e controle da produção e da reprodução social, entre produtor e meios de produção, entre produtor e apropriador da riqueza, entre operário e capitalista, enfim, o que está na base do antagonismo inexorável entre as classes sociais fundamentais. Sem estas não há capital, assim como sem a subordinação econômica exercida sobre o trabalho, e uma vez assegurada a dominação política fielmente pelo Estado, não há capitalismo.

O neoliberalismo veio obstar as escassas condições históricas de desenvolvimento da periferia do mundo, onde se encontra a América Latina, e tornar mais evidente a essência desumanizadora e alienante do capitalismo. E o fez de forma ainda mais

¹ Apresentação do livro *PROPRIEDADE E CAPITAL NA VENEZUELA DE HUGO CHÁVEZ - elementos para compreender os limites da política de governo a partir de Marx e Mészáros* (BRAVO, Maria Jimena Quintero. Maceió, Coletivo Veredas, 2020).

Versão em PDF: https://drive.google.com/file/d/1TqkJek6p7gxD_P-ppNxPGRu45geC0VUE/view

avassaladora, superando a tradição de expropriação da riqueza produzida pela força de trabalho na América Latina, desde a colonização, através de formas contemporâneas e inovadoras de espoliação da periferia pelo centro desenvolvido. Relação esta que define uma inserção subordinada e a integração possível e desigual dos países da periferia do capitalismo avançado à divisão internacional do trabalho, como parte movida pelo sistema global de acumulação do capital.

O empobrecimento cada vez mais crescente e a necessidade de proteger-se desta estratégia de asfixia das economias nacionais, em benefício da revitalização da acumulação e da expansão dos países avançados, provocaram importantes reações políticas populares em alguns países da América Latina. Diante da sucção da riqueza que o imperialismo americano, em particular, e os capitalistas “nacionais” associados ao mercado mundial passaram a exigir, aprofundava-se o desequilíbrio do sistema de trocas internacionais a eles ainda mais favorável e acentuava-se a tirania do sistema financeiro sobre os estoques da dívida pública, tornando ainda mais vulnerável a situação econômica, política e social destes países no contexto da crise mundial.

Na passagem do século XX ao XXI, surge na Venezuela um inédito e radicalizado movimento político, sob a liderança de Hugo Chávez, que, pela via eleitoral e com forte base social civil e militar, propôs-se a responder à situação de crise do país formulando uma estratégia inédita no contexto da esquerda latino-americana – a construção de um socialismo bolivariano. Chávez atribuía ao capitalismo e à concentração da riqueza em poucas mãos a causa de todas as misérias a que os trabalhadores estavam submetidos, como se pode verificar neste livro. Faz ressurgir, então, na senda libertadora traçada por Simón Bolívar no século XIX, a defesa da igualdade social e a construção de um original Socialismo Bolivariano para o século XXI, que superasse os “socialismos” do século XX, tal como o atribuído à União Soviética.

A abrangente e valiosa pesquisa realizada por Jimena Quintero Bravo, para efeito de obtenção do grau de mestre na Universidad de la República, no Uruguai², pôde nos brindar com uma clarificação devidamente fundamentada sobre como, e quanto, as intenções, as formulações de programas e de projetos e as ações concretas implementadas pelo governo sob o comando de Hugo Chávez entre 2005 e 2012, período mais

² A versão original em espanhol foi traduzida para o português pela autora. Do mesmo modo, foi feita a escolha da tradução de *plusvalor* por “mais-valor” (*surplus-value*), e não “mais-valia”, como comumente é utilizada nas traduções mais consolidadas de *O Capital* no Brasil, bem como em outras obras marxistas, tornando inevitável que “mais-valia” apareça algumas vezes no livro.

representativo da implementação do Socialismo Bolivariano do século XXI, corresponderam à superação da ordem do capital contra a qual se insurgiam.

Do mesmo modo, procura nos esclarecer, no estudo transformado em livro, se tais componentes da proposta de socialismo, de fato, puderam gerar uma nova e verdadeira sociabilidade socialista, na qual a igualdade real pudesse ser o critério de ordenamento social, juntamente com a priorização das necessidades sociais, em contraposição à existência do capital, do lucro, da propriedade privada e do Estado, que caracterizam a essência do capitalismo combatido por Chávez.

A autora traz uma enorme contribuição com sua pesquisa ao nos apresentar uma abundância de fontes pesquisadas, entrevistas realizadas, documentação oficial de governo analisada, rica consulta à produção de especialistas e de intelectuais, cujo conjunto forma uma vasta bibliografia, favorecendo uma acurada análise sobre a construção do socialismo na Venezuela do governo de Chávez. Elegeu como elementos fundamentais à investigação as concepções de propriedade e o “novo modelo produtivo socialista”, ambos de extrema relevância para a construção da ordem socialista, segundo o próprio Chávez e os conteúdos presentes em seus programas de governo no período estudado.

Ciente da popularidade e da repercussão positiva das ideias radicais de Chávez na esquerda latino-americana, ao considerar que o enfrentamento da crise global tão só é possível com a superação do capitalismo, em direção a uma “sociedade pós-capitalista”, e diante do vislumbre de uma alternativa radical à exploração capitalista pelos trabalhadores do mundo, a autora logrou fundamentar sua análise crítica com dados solidamente comprováveis ao apontar as profundas contradições teóricas e políticas presentes nos discursos, na direção política de Chávez e em seus programas de governo.

O livro convida os leitores, despidos de receio ou de preconceito ao encararem as rigorosas críticas que contém o estudo, a conhecerem as dificuldades vividas pela Venezuela para atender às necessidades sociais e avançar em direção à emancipação dos trabalhadores da exploração pelo capital, princípios verdadeiramente almejados pelos revolucionários do bolivarianismo venezuelano. Enquanto, paradoxalmente, se pode constatar que concebiam como possível o controle político e econômico sobre o capital, propondo a coexistência pacífica dos interesses de classe do capital e dos trabalhadores, assegurada pelo Estado gestor do socialismo bolivariano.

Nesse sentido, é ilustrativo destacar uma das citações de discurso de Chávez contida no livro (p. 49):

Claro, acumular capital desde todos os pontos de vista. Porque o capital não é mau, eu falei ontem num interessante debate que tivemos sobre o que são os modelos econômicos com alguns economistas da Coreia, de Europa, de Itália, bom, da França, de vários países, da Rússia, discutindo sobre os modelos econômicos. Então, o capital não é mau por si mesmo, o mau é o capitalismo, que é a degeneração do uso do capital quando o capital se concentra em poucas mãos e é usado para explorar os demais. Agora, o capital bem produzido, bem distribuído, bem dirigido e em equilíbrio, é básico para a riqueza dos povos. (TODOCHÁVEZ EN LA WEB, 2005c).

As contradições entre o pensado e o proposto se davam na esfera da concepção teórica e política, e penetravam insidiosamente nas formas inovadoras de organização das comunas, organizações populares dos bairros e outros espaços de participação e de construção do autogoverno popular, até mesmo no acesso aos benefícios sociais concedidos à classe trabalhadora, na cidade e no campo, reproduzindo, desse modo, contradições que pretendiam combater. Os avanços na organização popular e na melhoria das condições de vida da classe trabalhadora em relação ao período histórico anterior a Chávez foram perdendo gradativamente sua autenticidade originária, tornando mais distante o fortalecimento necessário das forças genuínas e autônomas dos trabalhadores em defesa de sua emancipação do capital e da conquista da igualdade real, não apenas jurídico-legal.

A simpatia e a militância políticas favoráveis que o Socialismo Bolivariano do século XXI da Venezuela conquistou no mundo não podem, ao impulsionar uma legítima solidariedade internacional de classe com os trabalhadores venezuelanos, ocultar os limites e as razões do fracasso do socialismo venezuelano e sua incapacidade para abrir o caminho a uma transição ao socialismo, que se tornou inegável com o passar do tempo.

István Mészáros (2009, p. 94)³, um pensador recorrente nos discursos de Chávez, num artigo dedicado a Simón Bolívar, no qual menciona inúmeras vezes Chávez pelo fato de se empenhar “em pôr em movimento uma transformação de longo alcance no país”, vê com otimismo, em especial, o traço de radicalidade da “revolução bolivariana”, quando comparada às derrotas históricas do “movimento socialista” nos últimos dois séculos, sob a hegemonia das estratégias reformistas da “esquerda política tradicional”. Ainda que tenha mantido durante alguns anos estreita proximidade com autoridades venezuelanas,

³ “Bolívar e Chávez: o espírito da determinação radical” – capítulo V. In: MÉSZÁROS, I. *A Crise Estrutural do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2009.

inclusive com Chávez, no mesmo texto, Mészáros (2009, p. 110) não deixa de alertar para o fato de que mesmo

as intenções mais nobres para ultrapassar as violações da igualdade mediante uma reforma legislativa (que pode ser necessária como primeiro passo sob determinadas circunstâncias históricas)⁴, mas deixando ao mesmo tempo as hierarquias substantivas entrincheiradas em seu lugar na sociedade, acabaram por sofrer reveses, mais cedo ou mais tarde.

Do mesmo modo em sua obra magistral *Para Além do Capital* (Boitempo, 2002), ao reconhecer a importância das proposições de Chávez para o Socialismo Bolivariano do século XXI e de sua defesa de que “o povo soberano deve se transformar no *objeto* e no *sujeito* do poder”, logo após uma longa citação de Chávez, Mészáros (2002, p. 831) salienta que:

Se tais ideias podem ser transformadas em realidade ou deverão continuar sendo ideais utópicos, é uma questão que não pode ser decidida nos limites da esfera política. Em si mesma, esta é uma necessidade de transformação radical que pressagia, desde o início, a perspectiva de “fenecimento do Estado”.

Os leitores poderão verificar que o estudo aqui apresentado está farto de elementos que comprovam, com base na documentação analisada, o fortalecimento do Estado em todas as esferas, ao contrário do fenecimento do Estado, condição ineliminável de qualquer experiência que pretenda superar o capital e chegar ao socialismo, com base em Marx, Engels e Mészáros.

Veremos no decorrer dos capítulos como a apropriação teórica de Chávez das ideias substantivas desses autores, em especial de Mészáros, vai sendo progressivamente distorcida, ao ponto de chegar a contraditar o texto original do autor, afirmando, equivocadamente, estar em perfeita conformidade com sua fonte.

Essas, entre outras descobertas que a uma rigorosa pesquisa científica cabe desvelar, muitas vezes desprezadas pelo imediatismo de um apoio político acríptico a experiências políticas de teor socialista, pretensamente proferidas em nome da emancipação dos trabalhadores, ocupam o conjunto das páginas deste livro, cujo conteúdo impactante engrandece os resultados da pesquisa sobre um tema tão complexo e candente.

⁴ Neste momento, Mészáros (2009, p. 110) está se referindo a “quando um líder político radical chega à posição de chefia do governo de seu país por um processo eleitoral – a que se segue a instituição de uma Assembleia Constituinte – e não por uma revolução social e política abrangente. Basta pensar, quanto a isso, no contraste entre Venezuela e Cuba.”

Aqui pudemos apenas aferir a valiosa contribuição teórica e política, e limpidamente crítica, da autora a um debate que permanece em aberto sobre o caminho de uma transição que nos leve efetivamente a superar o capital e seu Estado, tornando possível a reconstrução da sociedade em bases radicalmente novas e plenamente igualitárias. Uma conquista necessária em um futuro possível.

Maria Cristina Soares Paniago

Maceió, junho de 2020